



INSTITUTO DE CULTURA VASCO VILL' ALVA

Criado: 2003-07-10 | Publicado: 2003-07-19 | Actualizado: 2003-08-07 | Próxima actualização: -
<http://icvv.no.sapo.pt> icvvalentejo@mail.telepac.pt



VASCO VILL' ALVA
1913 - 1975

Índice

1. Infância, ambiente familiar e formação	2
2. Casamento e vida familiar	6
3. Lazer e cultura	7
4. Actividade profissional e preocupações sociais	7
5. Outras distinções e condecorações	1 2

Vasco Vill'Alva

Uma Presença no Alentejo*

A vida ...

1. Infância, Ambiente Familiar e Formação

Vasco Vill'Alva, de seu nome, Vasco Maria Eugénio de Almeida, nasceu a 30 de Agosto de 1913. Tinha um irmão mais velho, José Maria, nascido a 16 de Novembro de 1911. Sua mãe, Maria Antónia, faleceu ainda durante a infância de ambos, pelo que ficaram a viver com seu pai, José Maria Eugénio de Almeida, Conde de Vill'Alva.

José Maria, seu irmão, foi afectado por uma meningite, doença de que nunca recuperou. O pai, organizou-lhe uma vida própria, condizente com o seu estado de saúde, numa quinta no Bombarral – um local apazível, muito saudável e tranquilo, fora dos grandes centros. Aí ficou ao cuidado de um casal amigo que o tratou com todo o desvelo e carinho. Vasco visitava regularmente o irmão doente, por quem tinha muito afecto. Esta situação, exigiu-lhe, logo à partida, um grande sentido de responsabilidade, que seu pai não deixava de lhe inculcar, com toda a minúcia, como demonstra a carta seguinte:

Palace Hotel do Bussaco 28/2/1925

Vasco,

Este ano passará as férias da Paschoa em Pinhel, juntamente com o José. Já pedi para o filho do Snr. Dr. Sales Pires o ir acompanhar. É preciso ter lá o maior juízo e ser bem educado. Nada de correrias pois o seu irmão não pode como sabe fazer correrias. Não leva a bola, nunca fale na doença ao seu irmão para ele não se apoquentar. Tome cuidado com o frio – estude – e seja bem comportado para vir a ser um homem de bem. Sempre que precisar de qualquer coisa escreva.

* Tereza Vill'Alva, *Vasco Vill'Alva: uma presença no Alentejo, 1913-1975*. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva, 1998.

*Qualquer Domingo vae o passar com o Snr. Torres indo com ele ao Estoril e ao Coliseu mas hade ser em o tempo melhorando e em eu mandando dizêr. Quando for para Pinhel é preciso levar roupa para 15 dias e não esqueça o seu sobretudo e as botas fortes que ultimamente se fizeram em Lisboa mas na viagem leve os sapatos melhores. Veja se anda sempre com as unhas limpas e não ande desgrenhado dos cabelos. Muitas saudades e um abraço de seu pae.
José.”*

Vasco Vill’Alva viveu com o pai e a madrasta, Dona Alice Irene, numa grande casa, localizada perto da Boca do Inferno, construída em cima das rochas. Na época era um loca muito isolado. Vasco cresceu rodeado de muitas mordomias: criados, motoristas, cavalos, toda a espécie de comodidades e luxos. Por vezes, principalmente durante as férias, viajava para fora do país, nomeadamente para França.

No entanto, não teve o que actualmente se considera uma “vida social”. Raramente tinha visitas, nem mesmo de familiares mais próximos, que seriam a avó, Dona Maria do Patrocínio (já viúva), o tio (único irmão de seu pai) João Arge e sua mulher Dona Maria Ana Arge (sem descendência). Os tios, vinham por vezes almoçar em dias festivos, sem grande intimidade e com alguma cerimónia, o que não deixava de ser usual na época, já que, não havia, mesmo em família, a informalidade dos tempos actuais.

Nestas circunstâncias, só convivía com outras crianças na escola, pois não tinha primos próximos e, devido à localização da casa, também não tinha vizinhos. Apenas no período de férias escolares, passadas em Évora, tinha convívio com o seu amigo de infância, Vítor Semião (da mesma idade), que vivia com o seu pai numa dependência das ruínas do convento da Cartuxa. Criaram uma grande amizade, que os acompanhou até ao fim da vida.

Sendo a única criança da casa, deveria comportar-se tal como um adulto. Para ele não podia haver lugar a queixas fossem elas de frio, calor, constipações ou outras doenças e, no caso de estar doente, era tratado, mas não se queixava. Tinha como ponto de honra não incomodar o próximo. Cedo aprendeu que “um homem não pode estar doente e

muito menos queixar-se”. Era este o conceito de educação de seu pai. Actualmente, esta pedagogia “espartana” poderá ser incompreensível e até parecer desumana, mas para Vasco Vill’Alva, era motivo de orgulho. Seu pai, pretendeu sobretudo, dotá-lo de um código rígido de valores morais e éticos que fizessem dele um Homem, competente na gestão da Casa Eugénio de Almeida e, simultaneamente, sensível aos problemas dos seus semelhantes.

Reconhecendo com gratidão, que seu pai o tinha preparado para a vida, Vasco nunca se sentiu revoltado. Esta educação marcou a sua personalidade. De facto não conhecia rancores e aceitava todas as contrariedades, sem queixas. O pai foi para ele um verdadeiro “tutor de um príncipe” tomando em mão a sua educação, com grande exigência e severidade, para o tornar o “primeiro entre iguais”.

Sendo ainda muito jovem, o pai atribuiu-lhe uma conta sem restrições, na Livraria Ferin, para poder comprar todos os livros que lhe interessassem. Este facto contribuiu para despertar nele um grande interesse pela leitura e uma necessidade constante de estar sempre rodeado de livros e jornais, sem os quais se sentia algo perdido.

A par deste gosto pela leitura, demonstrou desde criança, um grande afecto pelos animais. Uma sensibilidade que o levaria, apenas com 12 anos de idade, a amealhar o dinheiro da mesada, para enviar, sem ninguém saber, um elevado donativo (para a época) à Sociedade Protectora dos Animais.

Ao longo da sua vida, o carinho e respeito pelos animais seria sempre uma constante. Gostava de cães, não pelo prazer de poder apresentar um belo exemplar de uma qualquer raça reconhecida. Pelo contrário, os seus cães eram os cães abandonados. O cão foi sempre, para Vasco, um verdadeiro amigo e companheiro fiel.

Vasco Vill’Alva estudou num colégio interno, a Escola Académica. Aí fez a instrução primária e parte do antigo curso dos liceus, que terminou no Colégio da Bafureira, na Parede. Foi neste Colégio que recebeu as primeiras lições de equitação o que fez dele um excelente cavaleiro, de que seu pai muito se orgulhava.

Ao concluir o liceu, iniciou a sua formação superior no Instituto Superior de Agronomia, por vontade expressa de seu pai, sem nunca terem trocado ideias sobre esta importante decisão.

O avô, Carlos Maria Eugénio de Almeida, assim como seu pai, tinham sido agrónomos pelo que, necessariamente, Vasco teria que seguir o mesmo caminho. Foi bom aluno e depois um bom lavrador. Poderia, igualmente, ter sido um jurista como fora seu bisavô José Maria Eugénio de Almeida mas não lhe foi dada essa opção. Vivendo na Boca do Inferno, muito longe da estação de Cascais, para frequentar as aulas do Instituto Superior de Agronomia, no Alto da Ajuda, Vasco fazia todo o percurso até à estação de Cascais e de Alcântara até ao Instituto, a pé. Isto apesar de ter em casa motoristas e automóveis disponíveis. Concluiu o curso de agronomia em 1936, aos 23 anos de idade.

No ano seguinte, dava-se o falecimento de seu pai. Vasco, atendendo ao pedido da madrastra, decidiu então vender a Casa de Cascais, onde a Senhora se sentia muito isolada, para lhe comprar uma outra moradia, no Estoril, junto à residência dos seus amigos, Cristina e Alfredo da Silva. A partir de então, Vasco passou a viver sozinho, apesar do convite de sua avó, para que ele fosse viver para o Palácio de S. Sebastião da Pedreira. Vasco, temia perturbar a intimidade e a rotina diária da avó e, como a visitava constantemente, não aceitou o convite. Durante este período da sua vida, apesar das dificuldades e conturbações, optou sempre pela sua independência, o que lhe permitia deslocar-se ao Alentejo, sempre que necessário. Assim, alugou vários apartamentos, onde viveu temporariamente, levando consigo o pessoal doméstico antigo na Casa. Também chegou a passar temporadas no antigo hotel Tivoli na Avenida, com dois amigos da mesma idade, José Manuel e Fernando Alves Rio, que se encontravam em circunstâncias familiares idênticas. Entre Vasco e Fernando ficou uma amizade grande que perdurou até ao fim da vida.

No entanto, pouco antes de morrer, a avó pediu-lhe insistentemente que fosse viver para o Palácio. Vasco, com o mesmo espírito cumpridor do seu dever, trouxe o pessoal doméstico (que nunca abandonou) e passou a viver naquela imensa casa... solitário! Aí permaneceu até 1948, quando, cedendo a pressões do Estado Português, vendeu a casa da família ao Governo Militar de Lisboa.

A vida ...

2. Casamento e vida familiar

A 13 de Outubro de 1948, Vasco Vill'Alva contraiu matrimónio com Maria Tereza Ortigão Burnay de Almeida Bello, natural de Caxias. De regresso da viagem de núpcias pelo Norte de Portugal, Espanha e Sul de França, o casal foi habitar para um apartamento que Vasco tinha provisoriamente alugado (desde a venda do Palácio de São Sebastião da Pedreira), localizado na Avenida da Praia da Vitória, em frente ao antigo Teatro Monumental.

A vida do casal repartiu-se entre Lisboa e Évora. Em Lisboa, depois de várias experiências em diversas casas, decidiram adaptar as cavalariças do Palácio de S. Sebastião da Pedreira, no Parque de Santa Gertrudes e fixaram residência na rua Marquês de Fronteira, nº 2. Em Évora, habitaram inicialmente numa das dependências das ruínas do Convento da Cartuxa. Em 1962, uma vez concluído o restauro do Convento, planearam fixar definitivamente a sua residência de Évora na Quinta de Valbom. Porém, a decisão da sobrinha do casal, Isabel Serpa Pimentel, em vir estudar para o Instituto Superior Económico e Social de Évora, levou-os a optar por nova mudança de residência (em 1970), para o Pátio de São Miguel que foi alvo de uma reconstrução grandiosa. Quando se mudaram para o Pátio de São Miguel, no final do Verão de 1970, só se encontravam habitáveis dois quartos, as respectivas casas de banho, uma cozinha improvisada e uma pequena divisão que passou a ser a sala comum. Aí viveu o casal momentos muitos felizes, quebrados abruptamente a 18 de Agosto de 1971 com o trágico acidente de sua sobrinha, no seu primeiro salto num curso de pára-quedismo, no qual o pára-quedas não abriu. Fim dos sonhos e projectos futuros do casal. “O homem põe mas Deus dispõe”.

A vida ...

3. Lazer e cultura

O casal percorreu Portugal de lés-a-lés. Para Vasco, havia sempre mais um castelo, uma ruína, uma estrada a conhecer. Esse seu interesse pelo País levou-o, não só a visitá-lo como a coleccionar monografias das localidades visitadas, o que contribuiu bastante para enriquecer a sua biblioteca pessoal.

A vida ...

4. Actividade profissional e preocupações sociais

O avô de Vasco Vill'Alva – o Par do reino, Carlos Maria Eugénio de Almeida – concluiu a sua formação de engenheiro agrónomo, em 1873, já após a morte de seu pai, José Maria Eugénio de Almeida (Par do reino e grande lavrador e empresário), ocorrida em 1872. A predominância de prédios rústicos no seu vasto património e a própria natureza da sua formação académica, levaram-no a privilegiar, no conjunto das suas actividades empresariais, as que se relacionavam com a agricultura.

Prestou especial atenção às propriedades localizadas no Alentejo que em termos de extensão e potencialidade económica constituíam a parte mais substancial da sua imensa casa agrícola e parece ter dedicado um particular carinho à Quinta da Cartuxa, nos arredores de Évora. Aí veio a construir uma adega – alargando, assim, o âmbito da sua empresa à transformação industrial dos produtos – provida de equipamentos dos mais modernos e de técnicas de laboração das mais avançadas. Trata-se da Adega da Cartuxa, não menos famosa hoje do que então.

Homem esclarecido e técnico competente, acompanhou o desenvolvimento científico e tecnológico do seu tempo e, com particular interesse, o progresso das ciências

agronómicas, de cujas aplicações procurou, com notável espírito inovador, fazer beneficiar a exploração das suas terras. Ante a ameaça generalizada da filoxera não hesitou em chamar às suas vinhas da Cartuxa e da herdade de Pinheiros, um grupo de técnicos especializados, vindos de Montpellier, o principal centro experimental antifiloxérico da França e de toda a Europa do Sul no último quartel do século XIX.

Carlos Maria Eugénio de Almeida veio a falecer aos 68 anos de idade na sua casa de Lisboa, no Largo de S. Sebastião da Pedreira, sem testamento, deixando dois filhos – José Maria Eugénio de Almeida (1º Conde de Vill’Alva) e João Maria Eugénio de Almeida (Conde de Arge). Por morte de seu marido (Carlos Maria Eugénio de Almeida), Dona Maria do Patrocínio Biester de Barros Lima Eugénio de Almeida tornou-se cabeça de casal, assumindo a administração da sua parte da herança que integrava, nomeadamente, as propriedades agrícolas do concelho de Évora.

Maria do Patrocínio B. L. Eugénio de Almeida exerceu uma gestão de parca actividade: conservou alguns arrendamentos que já vinham da gestão anterior (de seu marido) e arrendou as propriedades de maior dimensão. Viúva desde há muito, viria a falecer a 28 de Outubro de 1940, já depois da morte de seus dois filhos (José Maria e João Maria) aos 89 anos de idade na sua residência em Lisboa. Sem outros descendentes, Dona Maria do Patrocínio fez seu herdeiro universal, único titular e administrador desse património, seu neto, Vasco Maria Eugénio de Almeida, Conde de Vill’Alva.

Em 1940, com 27 anos de idade, engenheiro agrónomo recém-formado, e já sócio da Associação Central da Agricultura Portuguesa, Vasco assumiu a administração da sua Casa Agrícola. Fê-lo em circunstâncias políticas particularmente difíceis – estava em curso a implantação da organização corporativa da lavoura numa região “afogada” em problemas económicos e sociais que, sendo crónicos, haviam sido agravados pelos reflexos da guerra civil espanhola e pelos constrangimentos de toda a ordem, provocados pela II Guerra Mundial. A própria decisão de instalar uma grande exploração agro-pecuária sobre o enorme património fundiário de que era titular, parece, vista de hoje, uma acção de grande coragem. Efectivamente, não desconhecendo, como certamente não desconhecia, os potenciais custos sociais de uma tal decisão e não sendo, por sua formação e índole, indiferente a esse tipo de custos – conforme tão sobejamente o demonstrou ao longo da sua vida – resta admitir que o

jovem empresário agrícola Vasco Vill’Alva iniciou a sua actividade profissional animado de propósitos muito bem definidos e de uma qualidade rara. O modo como veio a gerir a sua empresa, os êxitos que alcançou, a aplicação que deu aos resultados obtidos, a forma eficiente e discreta como se houve em tudo isso e a harmonia existente entre todos esses aspectos vieram a confirmar aquela suposição.

Após ter chamado a si a exploração directa de maior parte das propriedades, agregou-as administrativamente por critérios de proximidade geográfica, racionalidade económica e de descentralização executiva, em vários grupos, sendo a administração técnica de cada um deles entregue a um colaborador criteriosamente escolhido, detentor de amplos poderes, sem prejuízo da unidade de direcção e do planeamento global das principais actividades da empresa.

De grande relevância ao nível da ocupação de mão-de-obra, a Casa Agrícola Eugénio de Almeida ocupava permanentemente, nos seus primeiros anos, cerca de 150 trabalhadores aos quais, sazonalmente, se juntavam vastos contingentes de outros, viabilizando assim a agricultura extensiva com as características laborais próprias da época.

Das diversas medidas de administração adoptadas por Vasco Vill’Alva, merece especial destaque a grande remodelação empreendida no sector vitivinícola da exploração. Mandou arrancar a “vinha velha” de Pinheiros e, aproveitando parte das castas que haviam dado fama aos vinhos da Cartuxa, mandou plantar uma nova e mais extensa vinha. Para a realização desse trabalho pode contar com a colaboração competente do Engenheiro Manuel Vieira, conceituado professor de Enologia e seu grande amigo.

Sequencialmente a esta remodelação, outra se tornava necessária no sector da transformação vinícola. Assim foi sujeita a Adega da Cartuxa (construída por seu avô, e cujos produtos tanto haviam contribuído, desde os finais do século XIX, para o prestígio da Casa Eugénio de Almeida), a importantes obras de reestruturação recebendo os mais modernos equipamentos de vinificação.

Como resultado das medidas referidas, os vinhos da Cartuxa viram-se projectados para lugares cimeiros de qualidade no contexto da produção regional e mesmo nacional, alcançando mesmo diversos prémios como:

- 1968 1º Prémio – Vinho Tinto - Federação dos Vinicultores de Évora
- 1973 1º Prémio – Vinho Branco - Federação dos Vinicultores de Évora
- 1973 1º Prémio – Vinho Branco - Federação dos Vinicultores de Évora
- 1973 O melhor Vinho - Federação dos Vinicultores de Évora
- 1975 O Melhor Vinho Tinto – Junta Nacional do Vinho

Para além da produção de vinho, ao lado da Adega da Cartuxa, veio o Engenheiro Vasco Vill'Alva a construir um lagar de azeite, dotado de equipamentos e técnicas de laboração dos mais modernos, para nele moer a azeitona produzida nos olivais das suas herdades, sobretudo do grande olival de S. Mancos, na herdade do Álamo da Horta, que Vasco fizera plantar nos anos cinquenta, pensando mais nos problemas laborais daquela vila, do que no aproveitamento agro-industrial da azeitona que nele viesse a colher. Esta e outras intervenções de particular incidência social na vila de S. Mancos, como as dádivas em dinheiro, géneros alimentares e apoios de todo o tipo à sua população, as dádivas alimentares para a cantina da escola, contributo para a instalação da luz eléctrica em São Mancos, doação do terreno para a construção de um campo de futebol, apoios monetários para as festas tradicionais de Setembro em honra de Nossa Senhora da Ajuda e a mais importante sem dúvida, a divisão da herdade da Defesa em cerca de cento e cinquenta parcelas de terreno, distribuídas por sorteio justo e igualitário pela população da aldeia sem qualquer discriminação política, religiosa ou moral, fez de Vasco Vill'Alva o benemérito benfeitor que a vila nunca teve.

Ainda no domínio prevalectante da economia sobressai o grande impulso que o Engenheiro Vasco Vill'Alva imprimiu à produção de cereais e também à produção pecuária. No triénio de 1950-1952, a Casa Agrícola Eugénio de Almeida foi o segundo produtor de trigo nos concelhos de Évora e Viana do Alentejo, e foi distinguida com numerosos prémios pela qualidade das suas produções animais, dos quais se destacam os apresentados na tabela que se segue:

Designação do Prémio	Organismo Atribuinte	Local e Data
2º Produtor de Trigo no Triénio 1950-1952	Federação Nacional dos Produtores de Trigo	Évora e Viana do Alentejo 15 de Maio de 1953
Medalha de Cobre: III Exposição – Concurso Distrital de Gados da Feira de S. João de Évora. Égua de 4 a 12 anos de raça BretãXLusitana	Organização da III Exposição-Concurso Distrital de Gados-Évora	Évora, 5 de Julho de 1968
Medalha de Prata: Concurso Ibidem Um cavalo inteiro de 4 a 12 anos de raça BretãXLusitana	Idem	Idem
Medalha de Cobre: Concurso Ibidem Poldro inteiro de 3 anos de raça BretãXLusitana	Idem	Idem
Menção Honrosa: Concurso Ibidem Uma Poldra de 3 anos de raça BretãXLusitana	Idem	Idem
Diploma de Expositor: Exposição Distrital de Gado Bovino e Equino	Câmara Municipal de Évora	Évora, 25 de Junho de 1947
Medalha de Prata: Representação de um grupo de borregos pretos (2ª categoria) no 12º Concurso de Gado Ovino Alentejano	Ministério da Economia Direcção Geral dos Serviços Pecuários	Évora, 25 de Abril de 1946
Medalha de Prata: Representação de um grupo de carneiros pretos (2ª categoria) no mesmo Concurso	Idem	Idem
Medalha de Prata: Representação de um grupo de borregas pretas (2ª categoria) no mesmo Concurso	Idem	Idem
Medalha de Ouro: Representação de um grupo de ovelhas pretas (2ª categoria) no mesmo Concurso	Idem	Idem
Medalha de Prata: Representação de um grupo de malatas pretas (2ª categoria) no mesmo Concurso	Idem	Idem
Medalha de Ouro: Representação de um grupo de malatos pretos (2ª categoria) no mesmo Concurso	Idem	Idem
3º Prémio pela apresentação na classe aberta a machos de um exemplar de raça Gox-Gerrier, de pêlo curto e de nome Vouga	II Exposição Canina Internacional do Estoril	Estoril, 6 de Setembro de 1936

Mais do que um mecenas – como Évora não conheceu outro depois do Cardeal Dom Henrique, como dizem alguns – Vasco Vill’Alva foi um homem bom que compreendeu e assumiu as suas responsabilidades sociais de ser rico e, de uma forma lúcida, se empenhou na construção do futuro. E porque tinha perfeita noção do que era o autêntico desenvolvimento, fácil é constatar que os critérios a que submeteu a aplicação dos resultados económicos da sua empresa se harmonizavam, dentro dela, com a natureza da principal fonte desses mesmos resultados – o trabalho nos numerosos homens e mulheres que integravam a sua Casa Agrícola, sempre tratados com o respeito devido à dignidade da pessoa humana.

A par com as iniciativas de incidência mais localizadas como as já referidas no que respeita a S. Mancos, outras incorporaram o planeamento desta empresa, nomeadamente a florestação de extensa área de terrenos mais pobres, a construção e arranjo de caminhos e montes, etc, que executadas nos locais certos e nos momentos oportunos, permitiram conciliar dois aspectos normalmente contraditórios: a mecanização agrícola e a manutenção do emprego. Todas as medidas adoptadas eram alvo de uma criteriosa previsão de modo a que, resolvendo a curto prazo o problema do emprego, se projectariam, a médio e longo prazo, de forma positiva, na economia global da empresa. Aliava-se assim o benefício social de hoje ao sentido de progresso e de desenvolvimento económico, e também social, no futuro.

A sua vida profissional foi, sob muitos aspectos, de entre os quais o das relações laborais, como que uma vasto “campo de demonstração” onde, com poucas palavras e muitos actos, deu testemunho da sua competência técnica e da sua concepção de empresa onde o económico foi claramente posto ao serviço do social.

A vida ...

5. Outras distinções e condecorações

Vasco Vill’Alva, enquanto benemérito e pessoa de infindáveis qualidades humanas, foi homenageado, em vida, com diversas condecorações, tais como:

- 1954 – *Equitem Commendatorem Ordinis Sancti Gregorii Magni* – Comendador da Ordem de S. Gregório Magno – e sua esposa com a *Pró-Eclesia Et Pontífice*, por Sua Santidade o Papa Pio XII;
- 1961 – *Medalha de Prata* da mesma *Ordinis Sancti Gregorii Magni*, por Sua Santidade o Papa João XXIII;
- 1963 – *Carta da Irmandade da Companhia de Jesus*, pelo Geral desta Companhia, o Rev. Pe. João Baptista Janssens (sob proposta do Provincial da Província Portuguesa da Companhia de Jesus);

- 11 de Outubro de 1957 – *Grande Oficial da Ordem de Benemerência* e a 25 de Julho de 1969 – *Grã-Cruz da Ordem de Benemerência*, pelo Chefe de Estado;
- 1973 – Nomeação como *Vogal das Ordens de Mérito Civil* e em 1974, *Chanceler das Ordens de Mérito Civil*;
- 1976 – 1 ano após a sua morte, homenagem com a *inauguração da Avenida Conde de Vill’Alva*, por iniciativa da Câmara Municipal;
- 1990 – *Bênção Apostólica* concedida pelo Papa João Paulo II, a Maria Tereza Bello Eugénio de Almeida, Condessa de Vill’Alva, como reconhecimento de todo o trabalho humanitário dos Condes de Vill’Alva;